

Casa de Sementes Zé Noca em busca das espécies nativas perdidas



O Milho-Catingueiro resiste ao sol, sobrevive com poucas chuvas, sabe esperar o tempo certo para brotar no chão do Semiárido e vingar novas espigas. O Feijão Pingo-de-Ouro é semente preciosa, mas não pertence a ninguém, não tem patente, ele é de quem cultiva e, no Sertão, quem cultiva gosta de partilhar o que tem. Por isso, vinte famílias das comunidades de Aroeiras, Patos, Onça e Jardins, localizadas no município de Quixeramobim (CE), ajuntaram suas espécies nativas e hoje guardam um vasto patrimônio de agrobiodiversidade na Casa de Sementes Zé Noca. No ano de 2015, o grupo decidiu participar do Programa Sementes do

Semiárido, uma iniciativa da sociedade civil, coordenada pela ASA (Articulação Semiárido Brasileiro) para estimular a agricultura familiar com a construção e organização de estoques comunitários de sementes crioulas para o plantio.

Há muito tempo, as trabalhadoras e os trabalhadores rurais de Aroeiras desejavam ter uma Casa de Sementes. Nos encontros da Feira da Agricultura Familiar de Quixeramobim, que existe há 15 anos, as/os integrantes já haviam conversado sobre a possibilidade de manter esta reserva coletiva de sementes crioulas, que como elas e eles sabem, são mais resistentes ao sol forte e ao tipo de solo do Nordeste. “A gente tinha um sonho de ter uma casa de sementes e hoje é uma realidade”, disse Aureliano Soares Martins, agricultor agroecológico que coordena a Feira e vive em Aroeiras há mais de 60 anos.

Para que a Casa de Sementes Zé Noca pudesse ser iniciada, todas/os tiveram de colaborar. Nas reuniões do projeto, o grupo lembrou os tipos de feijão, milho, jerimum, maxixe, ervas medicinais e tantas variedades de frutas, cultivados ali há mais de cinquenta anos. Desde então, elas e eles têm se esforçado para localizar estas sementes, como o Milho-Branco, o Feijão-Rabo-de-Peba, o Feijão-Chifre-de-Carneiro e o Milho-Vermelho, que foram perdidos devido aos anos de seca e de crise hídrica. “Tem sementes que ainda vamos trabalhar muito para recuperar”, percebe Aureliano. As sócias e os sócios criaram então um regimento interno e estabeleceram as regras para quem quisesse participar. Para se associar, deve ser feita a doação inicial de três quilos de sementes e, sempre que alguém tomar sementes emprestadas para plantar, devolverá o dobro do que retirou,

Replantar as sementes crioulas e aumentar o estoque comunitário é um dos objetivos das sócias e sócios



assim sempre haverá reserva garantida todos os anos. O compromisso fundamental, segundo Sr Aureliano, é seguir os princípios agroecológicos “A Casa de Sementes não admite ninguém que planta com agrotóxico”, diz. Ele explica que, naturalmente, as pessoas que não se adaptam a isso se afastam do grupo. “Devemos parar de usar do agrotóxico que, não só contamina os alimentos, como também as águas. Nossa comunidade está brigando para que isso venha a acontecer em todas as outras, não só aqui”, explica Maria Liduína Leal Martins, agricultora, sócia da casa e esposa de Aureliano.

As semeadoras e os semeadores da agricultura familiar conhecem bem o desenvolvimento das plantas nativas. O Feijão-Pitiúba e Rabo-de-Peba são ligeiros, rapidinho se plantava e colhia, já o Barriguda-Azul era um feijão mais resistente que rebrotava com a chuva. “A gente tem que resgatar estas sementes, mas onde a gente vai encontrar um agricultor com ela é que ainda estamos pensando”, afirma o agricultor. A produtividade da plantação com a semente nativa é bem maior. “No ano passado, um agricultor da nossa casa de semente plantou nosso Feijão-Raul e, mesmo com todo tempo seco, ele tirou setecentos quilos. Isso é para mostrar para as pessoas que nossa semente crioula é muito mais resistente”, diz ele

Em 2012, após anos seguidos de seca, o casal viu as colheitas diminuir e suas sementes crioulas se perderem. Tiveram então de recorrer aos grãos que são fornecidos pelo governo e logo viram a diferença. “A lagarta atacava nossa semente crioula, mas não matava. Já a semente do governo, se você plantar e der dez dias de sol, ela não tem mais como produzir”, diz Aureliano. Liduína lembra a necessidade ter a semente à disposição, tão logo comecem as primeiras chuvas, o que só é possível com a Casa de Sementes. “A do governo, quando vem chegar aqui, já tem dado umas cinco chuvas boas, e esta daí já está nascendo”, diz a trabalhadora rural.

A comunidade de Aroeiras faz parte da Rede de Agricultores/as Agroecológicos/as do Sertão Central, composta por trabalhadoras e trabalhadores rurais dos municípios de Choró Limão, Quixadá, Quixeramobim e Pedra Branca. O grupo deseja ampliar a extensão do território alcançado pela Casa de Sementes Zé Noca e ter mais pessoas engajadas no resgate das sementes crioulas. Também estão dispostas/os a contribuir com outros grupos abrindo o espaço para visitaçã o e formação sobre a importância de cultivar estas sementes.

Ao contrário das sementes transgênicas, desenvolvidas por empresas em laboratórios e potencialmente cancerígenas, as espécies crioulas foram melhoradas pela própria natureza, selecionadas e replantadas pelas famílias agricultoras, e inseridas nos hábitos alimentares humanos há séculos, não oferecendo risco à saúde. Liduína afirma que, na sua comunidade, muitas pessoas vivem muito tempo e com boa saúde e considera que um dos motivos para esta longevidade são as boas tradições alimentares, que estão agora sendo valorizadas e revividas.

Realização:



Apoio:

